

CARTAS DO ABADE DE BAÇAL
ao
PROF. JOSÉ MANUEL LANDEIRO

(ANOTADAS PELO DESTINATÁRIO)

1965

ET INTROIBO...

Sem receio de errar, tenho a certeza que neste ano do Senhor de 1965, em que se vai comemorar o centenário do nascimento do Padre Francisco Manuel Alves — o imortal Abade de Baçal — a Igreja e a Ciência «embandeirarão em arco» para homenagear a memória do Sacerdote virtuoso e a do Sábio eminente. A Igreja e a Ciência saberão digna e justamente exaltar Aquele que foi um dos seus membros, e dos mais ilustres e virtuosos. A humilde freguesia de Baçal, que lhe foi berço e de cujo rebanho cristão ele foi pastor zelosíssimo, e a cidade de Bragança, onde ele acumulou tanta ciência que encontrou através das suas terras, hão-de neste ano jubilar cantar, em uníssono, hósanas laudatórias e recitar hinos de louvor em homenagem à memória santa d'Aquele para quem eles — Baçal e Bragança — foi o seu mundo e todo o seu amor.

É tão impossível, mesmo impossível, desligar o nome do Pastor e do Sábio dos nomes de Baçal e Bragança, como desligar Cristo Sacramento das espécies do pão, na Hóstia Consagrada.

Nós, que tivemos no Abade um grande amigo e um mestre sapientíssimo, não podíamos e nem devíamos deixar passar este centenário do seu nascimento, sem ofertar à sua memória veneranda uma prenda de anos. A melhor, a mais prática e a mais adequada prenda que lhe podemos oferecer, é passar a letra de forma as cartas que Ele nos escreveu em vida. São frutos do seu espírito e que nós queremos que sirvam também para alimentar outros espíritos ansiosos de ciência e de virtude.

O Abade escreveu muito, pois ele sabia que escrever é semear, e, desta sementeira, toda a semente caiu em boa Terra, ela nascerá, crescerá como o grão de mostarda do Evangelho.

Aqui fica, pois, a nossa prenda de anos para o saudoso Amigo e querido Mestre, e temos a certeza de que Ele do Além nos dirá! «Landeiro, amigo! Prezado confrade! Bem hajas!».

Aldeia do Bispo, das Terras de Penamacor, 1 de Abril de 1965.

José Manuel Landeiro

O NOSSO PRIMEIRO ENCONTRO

Quando demos à estampa o nosso primeiro livro «O Concelho de Penamacor na História, na Tradição e na Lenda», já conhecíamos o Abade de Baçal através da «Monografia de Alfândega da Fé» do nosso colega João Vilares, de Sambade e de outras obras histórico-monográficas de outros autores. Com grande prazer, ofertamos ao Padre Francisco Manuel Alves um exemplar daquele nosso trabalho.

Como agradecimento, o Mestre enviou-nos a seguinte carta:

«Ex.^{mo} Sr.

Que agradável surpresa a de O Concelho de Penamacôr!

Tam elegante gráfica e intelectualmente! Como lhe agradecerei a gentileza da oferta autógrafa? Emfim: bem haja; Deus lhe pague, como se diz nesta minha terra, desde já, a audácia de aproveitar para o termo de confrontações, nos meus estudos remeter parte da etnografia tratada no seu valioso trabalho, e a franqueza de aplaudir calorosamente a sua iniciativa. Oh! seria outra a historiografia do nosso Portugal, se os estudos monográficos como os de V. Ex.^a se realizassem em todos os concelhos e freguesias! Os párcos e os professores primários é que estão em melhores condições de os realizar, mas nemo nos conducit, e do público letrado e do público em condições económicas, fracos incentivos vêm. Emfim, a sua iniciativa é bela e nessa beleza moral está a recompensa.

Avante pois e creia-me consócio nas labutas, grato e admirador,

*P.^e Francisco Manuel Alves
Baçal - Bragança»*

23-1-1939

Se é certo que esta carta confunde grandemente a modéstia de um autor principiante, no seu baptismo de escritor, e, para mais, «consócio nas labutas» do Mestre, certo é, também, que as suas generosas palavras vieram servir de incentivo para novas empresas nos domínios de publicações e, tanto assim, que, passados vinte e seis anos, já demos à estampa publicitária, vinte e seis trabalhos!

*

* * *

Quando em 1940, ano comemorativo das «bodas de prata» do Seminário da Guarda que nos educou, quisemos dar ao mesmo seminário uma prenda de anos, concebemos a publicação do nosso segundo trabalho monográfico com

o título «*Diocese da Guarda com a sede em Idanha-a-Velha (Egitânia) Penamacor e GUARDA — O Arciprestado de Penamacor*», rogamos, quase de mãos em ogiva, já então ao Amigo e Mestre para nos apadrinhar neste nosso trabalho. Em resposta aos nossos rogos, enviou-nos a seguinte carta, que mais uma vez, nos veio confundir, mas que nós aproveitamos para valorizar este nosso segundo trabalho, cujo produto transformámos em pão material a ser partido e distribuído no seminário por aqueles que foram a ocupar o lugar que deixamos vago, em 1923:

«*Ex.^{mo} Sr.*

Grande honra seria para mim prefaciар um livro do autor de «O Concelho de Penamacôr», suculenta monografia cheia de interesse historográfico-etnográfico, mas, infelizmente, não posso; ando adoentado; primeiro um ataque reumático, que me consumiu com dores em mês e meio, e depois outro apopléctico, é já o segundo e com 70 anos...! que me impossibilita de trabalhos mentais, aliás proibidos pelos médicos.

Para matar o tempo e as saudades, vou limando aos poucos vários trabalhos que já tinha prontos e vão saindo na imprensa.

Mas quem se afirma por forma tam marcante como V. Ex.^a no campo literário dispensa de prefaciadores.

Os príncipes, quando eram armados cavaleiros, tomavam eles mesmos as armas do altar, sem ser preciso que outrém lhas cingisse, e V. Ex.^a é já, por direito de reconquista, nobre no campo das letras.

Prescinda, pois de apresentantes e creia-me

*De V. Ex.^a
venerador e admirador
Francisco Manuel Alves
Abade de Baçal
Bragança»*

29-1-1940

*
* *
*

Após esta carta, as nossas relações amistosas foram aumentando progressivamente, e o mesmo aconteceu com o nosso abuso imperdoável em incomodar o Abade nos ensinamentos que lhe requeríamos e que tiveram sempre deferimento. O P.^o Francisco Manuel Alves foi para nós um autêntico mestre, não só na ciência que nos transmitiu, mas também como guia em todo o nosso caminhar na vida publicitária. Cremos mesmo que um dos seus grandes prazeres era ensinar-nos, em desfazer dúvidas quando estas se nos deparavam pela frente.



Nem todos os mestres assim são. Há-os até que se amofinam quando um aluno, que eles mesmo apresentaram à luz da publicidade, progride na senda desta, às vezes, com mais valores e brilho que eles...

De tudo temos experimentado.

O Abade de Baçal soube ouvir e pôr em prática o *mandatum* do Divino Mestre: *Ite et docete omnes gentes!*...

Que alma franciscana a do Padre Francisco Manuel Alves!

Não se julgue que nós, ao publicar em o nosso «*Diocese da Guarda...*» esta sua carta de 29-1-1940, o fizemos sem a sua autorização, pois o bom amigo, com data de V-2-1940, enviou-nos o seguinte postal:

«*Ex.^{mo} Amigo.*

Entendo que o melhor seria deitar ao cesto dos papeis inúteis a minha carta: todavia pode fazer dela o uso que quizer.

Saudações afectuosas e paz de espirito lhe deseja o seu admirador

P.^o Francisco Manuel Alves

Baçal

Bragança»

V-2-1940

— Como não podia deixar de ser, após a publicação de «*Diocese da Guarda...*», oferecemos um exemplar ao querido amigo. No dia 15 de Junho de 1940, enviou-nos a carta seguinte:

«*Ilustre amigo:*

Graças pela Diocese da Guarda e que Deus lhe perdoe o incentivo à minha vaidade pelas referências e honras que me dá. Um abraço de felicitações, que bem o merece. Da satisfação com que o li, faz ideia no que digo na carta que publicou e pelo seguinte escrito há anos no Tomo X, pág. 660 das minhas «Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança», chamando o clero e professores primários para os estudos etnográficos:

«*Clero paroquial, quão fácil te é, em razão do contacto com o povo, prestares incomensuráveis serviços às belas letras e, conseqüentemente à Acção Católica, sem mais trabalho do que algo de curiosidade intelectual para observar e registar as manifestações folclóricas! Não te prendas com a explicação das lendas: isso qualquer erudito o faz no sossego do seu gabinete; o que ele não faz, porém, ou só em condições muito excepcionais e deficitárias, devido à necessidade de visitas com demora das variadas terras, é fazer a colheita,*

e nela é que está o grande serviço. Anda, entra na labuta e vcrás a incalculável satisfação que te proporciona.

Professores primários rurais, vós também estais em admiráveis condições de laborar no mesmo sentido, vindo, e um dia a Ciência e a Humanidade reconhecida, bendirá vossos nomes e trabalhos».

Vedes, meu Landeiro, já eras meu confrade, e, portanto amigo, amigo, antes de o ser, Éreis amigo in potencia como se diz no latim. Temos cá já muito boa gente. Vede o Abel Viana, vosso colega no professorado, e o João Vilares. (1)

Por tanto novo abraço do vosso confrade

Baçal, 15-6-1940

*P.º Francisco Manuel Alves
Abade de Baçal
Bragança»*

P. S. — Com fins folclóricos — *Correm aqui umas quadras cantáveis ao desafio entre um rapaz e uma rapariga desses sítios, que descambam em realismos vermelhos, e a alturas tantas diz-lhe ela:*

*Tu és de Penamacor
E és cantador de fama
Beija-me aqui no cu três vezes
E volta cá p'ra Semana.*

Também li algures uma versalhada atribuída a Bocage, mas suponho não será dele, dirigida a uma freira que lhe pergunta curiosa, quando ele estava mijando a uma parede, tendo previamente tirado as luvas com todos os vagares:

Ó Bocage, diz-lhe ela, donde é, donde vem, que ofício tem e quanto lhe custaram as luvas?

*— Venho daqui e vou p'ra ali,
Sou de Penamacor.
O meu ofício é surrador
Surro as moças e dou-lhe uma côr.
Mas a Vós, Senhora, freira,
Hei-de surrar-vos, pela dianteira:
Da barriga até às curvas.
Doze vinténs me custaram as luvas».*

(1) Já ambos faleceram.

O Abade de Baçal era a etnografia personificada. As coisas — dizia ele — devem-se anotar, como se ouvem e como elas são: Pão-pão; queijo-queijo. Ele mesmo o recomendava. Na clareza é que está o valor do estudo da etnografia, faltando ela, não presta, por não ter valor algum.

A tradição diz que um dia alguém encontrando Bocage, e, apontando-lhe uma pistola, pergunta-lhe: «Quem és? Donde vens? E para onde vais? Ao que Bocage respondeu: «Sou o poeta Bocage; venho do Nicola e vou para o outro mundo se disparar a pistola.»

*
* *
*

O nosso desejo curioso de estudo deu-nos ensejo a organizar uma biblioteca de muitas centenas de volumes. O facto de vivermos longe das bibliotecas e arquivos, contribuíram também para o mesmo fim. Necessitados também de possuir alguns volumes da colossal obra do Abade de Baçal «*Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*».

Não era propriedade sua, mas creio que ou da Câmara Municipal de Bragança ou uma Comissão Editora. Pedimos ao Abade que nos dissesse quais os volumes que mais nos interessariam e como conseguí-los.

O bom Amigo, em resposta, disse-nos:

«Ilustre Confrade,

A fúria da natureza ainda mais brava que os anglo-germano-italicos e o vendaval do dia 15, introduziram-me a balbúrdia e de maneira que nem acho a sua carta para responder à letra.

De um modo geral digo: Para Arqueologia pròpriamente dita o que lhe deve interessar mais das minhas publicações são os volumes IX e X das «Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança. Os volumes anteriores estão esgotados devido a qualquer valor da obra, mas o intuito da propaganda da Comissão Editora, e nem mesmo sei se esta Comissão tem ainda exemplares dos volumes IX e X. Se os houver e V. Ex.^o quiser algum, diga, que verei se lhos posso arranjar, com os descontos que a Comissão me dá.

*Saúde e Paz
Francisco Manuel Alves
Baçal
Bragança»*

12-3-1941

Na verdade o bom amigo conseguiu-nos os volumes IX e X deste seu importantíssimo trabalho que nós consultamos muitas vezes.

*
* *
*

Quando em 1941, o S. N. I. abriu concurso de monografias locais, concebemos a ideia de concorrer com uma monografia de Linhares da Beira, antiga Vila do Concelho de Celorico da Beira. Novamente incomodámos o sábio e amigo para prefaciá-lo este nosso novo trabalho. A resposta ao nosso pedido, o franciscano de Baçal respondeu-nos da seguinte maneira e que mais uma vez nos veio a confundir:

«Amigo Landeiro:

*Ando muito adoentado dos olhos: não posso ler, os olhos choram logo e ardem como fogo. Escrevo um pouco ao acaso com os olhos semicerrados. Não há que pensar no prefácio para o vosso novo livro, nem o precisa, nem lho haveis escrito por outrem. Vós e só vós fazei tudo. Tendes competência para vos apresentar, e cotação suficiente para vos impor ao público. Linhares vêm dos terrenos semeados de linho ou capazes de o produzir. Nem o caso admira. Há muitas povoações em Portugal, talvez mais de quinze, com os nomes de Linhares ou equivalentes aonde entra o nome Linhares, e há muitíssimos nomes de sítios de termos de povoações com o referido nome e todos em terrenos baixos, fundos, regadios capazes de produzir linho. Na Espanha sucede o mesmo. Canaveses teve a mesma origem proveniente de Canave, linho em latim, alcanave no *Elucidário de Viterbo*. Não tenho à mão agora a fotografia do meu focinho, mas vou mandar-vos dois jornais onde aparece regularmente as duas variadas posições que correm nos periódicos nos *Anais da Academia* e no *Dicionário Universal de Literatura*. E como tenho vários pedidos, como o vosso, vou pedir para a fotografia duas ou três dúzias e lá vos aparecerá. Tende saúde e cautela com os olhos em abundância de leitura principalmente depois de comer não vos suceda como a mim.*

Vosso dedicado.

*P.º Francisco Manuel Alves
Baçal*

Bragança»

25-V-1941

P. S. — O linho foi cultura importantíssima em Portugal, donde a frequência no onomástico geográfico. A nossa estúpida mania pelo estrangeirismo

deixou-se perder engodada pela lambugem do algodão. O mesmo sucedeu à nossa apicultura e cana do açúcar e as nossas crias medievais com ar estrangeiras. Daqui a nossa melhoria económica».

Que bela lição esta nos transmitiu o mestre num simples postal!

Aqui o Amigo fala-nos numa sua fotografia. É verdade que nós lha pedimos para ilustrar um artigo de uma *pseudo-crítica* ao seu «*Cistas de Provesende*» que ele, Mestre, com a sua humildade franciscana, pede ao aluno. Sobre a fotografia pedida, o Mestre, depois de uma nossa nova lembrança, disse-nos em postal:

«Prezado Colega monografista.

Não estava esquecido do retrato, mas só agora consegui a fotografia que remeto pelo correio. Eu queria mandar-lhe outra em que estava de perfil, por ser a mais vulgarizada nos jornais e nos livros — Anuário da Academia, Dic. de Literatura de Perdigão e Almanaque Bertrand e no do Lelo, etc., mas, apesar de eu gostar menos dela, por apresentar um focinho atrevido, um nariz como que a meter-se em tudo, mas não a consegui, enviando, por isso, esta, menos atrevida, aplastrada, como se lhe tivesse dado com uma tábua nas ventas, para me reprimirem as audácias atrevidas. Parece-me mais conforme à minha psicologia tímida crismada de modéstia pela lisonja que pretende ser amiga ou fingir que o é.

VALETE

8-7-1942

*Francisco Manuel Alves
Abade de Baçal
Bragança»*

A fotografia de que fala o Mestre é a mesma que ilustra este trabalho, que o Amigo nos enviou com a seguinte dedicatória: *Ao ilustre monografista José Manuel Landeiro oferece amistosamente Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal — 8-7-942.*

*
* *
*

Um dia incomodámos o Mestre para nos informar sobre desenhos e ornamentos em pedra, etc. que encontrámos na igreja de Santiago de Penamacor. O Mestre, às nossas solicitudes, respondeu-nos da seguinte maneira, na sua carta de 18-3-1947:

«Landeiro amigo:

Devolvo a carta com o desenho da fachada e torre da igreja que podeis aproveitar para outras consultas. Por (mim), não me atrevo a formar juízo pelo desenho. A fachada parece-me moderna, obra de arte contemporânea que pelos anos de 1807 começou a regressar aos estilos antigos, românico, gótico, renascença clássica, barroca, rocóco [manuelino — João Smith (?)] entre nós dando-lhe grito de feição local (?).

Mas na fachada não há motivo característico de estudo, apenas algum jeito de imitação por estela antiga característica.

A argola na base do gigante (esporão ou contraforte) seria para nos dias de festa prender uma corda que abrangia o Templo com roupas, calabros, etc. Ver se no outro gigante há vestígios de outras argolas. A janela do balcão da sacada por cima da porta principal é moderna, mas no estilo românico, no gótico e no renascença houve vista.

A torre separada da igreja indica grande antiguidade.

Sob esta vossa indicação a gorgula por onde se escoavam as águas pluviais reunidas pelos três canos, cremos que deve haver nas portas e eram muito ornamentadas.

Os fustres de colunas de que falais seriam de outra igreja mais antiga sobre as ruínas da qual reconstituíram esta. O telhado antigo só se pode determinar por escavações em volta da igreja onde certamente hão-de aparecer restos de telha de reborte provávelmente.

O óculo que tinha uma cruz de ferro, não seria a de Cristo mas a de Santiago, é a janela (rosácea) que havia nas fachadas das igrejas românicas, góticas e renascença.

No século 16 por vezes as formas rosáceas destas janelas deram-lhe a forma de aro simples sem copiarem qualquer cruz de ordem religiosa. Em conclusão: não ouse afixar cousas feitiças. A fachada parece-me moderna, mas ajeitada a obra antiga. Esta fachada não indica estilo architectónico definido.

Mais conjecturas poderia apresentar, mas nada adoptado como é visto quadragessimal e com suas publicações que trás a informar não posso mais

Saúde e Paz

P.^o Francisco Manuel Alves»

18-3-1947

P. S.— Só agora dei pela carta, em que escrevi em duas folhas diferentes.

Para nos ilucidar sobre este assunto respeitante à igreja de Santiago de Penamacor, enviámos ao Abade um desenho da fachada da mesma igreja. Quando da restauração desta igreja, ao desmoronarem a fachada, apareceram as pedras do óculo e a cruz, em ferro, da ordem de Santiago.

— Quando há anos quisemos fazer um trabalho sobre «*Cataventos e sua origem*», pedimos ao M. P.^o Francisco Manuel Alves a indicação de algumas obras para consulta. Dispensou-nos a sua boa amizade de tal trabalho, enviando-nos o que era do seu saber e conhecimento sobre tal assunto, na sua carta de 12-12-1946, os que juntámos.

No subscrito, no lugar reservado ao remetente, o Mestre escreveu:

«*Os coros nas igrejas começaram a usar-se no estilo românico, mas as igrejas até terem a forma das basílicas romanas o triforiun que coresponde casa à casa. Esta nota está escrita em letra a menos de um milímetro de superfície. Custa a decifrar:*

«*Colega Landeiro.*

O Galo nos cataventos das casas, torres de igrejas, chaminés, etc. — como é o símbolo da vigilância quadra admiravelmente para chamar ao trabalho, à vigilância sobre as almas e campos.

Que o galo tem este símbolo ou melhor que o símbolo da vigilância é representado pelo galo consta das mais antigas escrituras. Assim Cicero chama-lhe nocturnus vigil (Livro 2 de Divinatura). Plínio chama-lhe nostri vigiles (História Natural) e diz que parece tê-la creado Providências para Despertar os homens e animá-los ao trabalho. São Joaquim, Santo Ambrósio e Eliano dizem que pelo cantar do galo se entendem os homens sábios, prudentes.

O rabi Moisés comentando os Provérbios (Lira-Bíblia) diz que o canto do galo à meia noite e depois de três em três horas, é para chamar os homens aos louvores de Deus.

Nós, os padres, temos na reza de Laudes nos domingos os estrofes de Santo Ambrósio que dizem:

*Suregamus ergostrenue
Gallus jacentes excitat
E sumnolentos inorepat
Gallus negantes arguit
Gallo canentes, spes redil.*

Fica pois liquido que o galo vem considerado desde a alta antiguidade como simbolo da vigilância prudente e intelectual.

Porque canta à meia noite?

Diz a Fábula, e Ovídio metrificou nas metamorfoses que Marta tinha por confidente dos seus amores com Venus um mancebo chamado Galo, lembrando-lhe muito que não perdesse de vista o Sol, por ser o descobridor dos segredos.

Galo adormeceu-se, o Sol veio e deu por conta das folganças de Marte e Venus, avisou Vulcano, marido desta que envolveu os adúlteros na metálica rede patenteando assim aos deuses o crime adúltero.

Venus fugiu envergonhada para Chipre, e Marte furioso converteu o Galo em galo.

É por isso que não rebate do aparecimento do Sol no nosso horizonte e do seu avanço e aproximação.

Até aqui o galo como simbolo de vigilância prudente e inteligente a chamar os homens ao trabalho ficou tido. Agora o galo, por isso mesmo que é simbolo da luz, opõe-se às trevas, que simbolizam a ignorância, a maldade, o reino dos maus espíritos, assim como aquele o reino dos bons espíritos, sendo, portanto, o precursor da luz, o afugentador das trevas e, conseqüentemente, dos maus espíritos.

Na crença popular, as feiticeiras, bruxas, lobis-homens só podem exercitar os seus malefícios até ao cantar do galo (ver Tomo IX pág. 364 das minhas «Memórias Arqueológico-Históricas») onde apresento vários casos da lenda crendeira popular.

Daqui surgiu naturalmente o conceito de amuleto contra malefícios ligados ao galo. Aqui em Baçal, dizem que a galinha livra dos maus ares que tolhem a gente, isto é, se estiver ao pé da gente uma galinha, quando vem o mau ar, dá na galinha, e a pessoa fica livre.

Portanto nos cataventos e chaminés o galo, além de indicar a corrente do vento, é simbolo de vigilância, serve de amuleto para livrar a casa e moradores de malefícios, bruxedos e feiticarias.

O mesmo significado tem a cruz que, para nós os cristãos, é simbolo de redenção e arma contra malefícios do demónio. Por isso não admira que apareça associada ao amuleto galinheiros, sabendo-se, além disso, que a cruz já antes do cristianismo, era simbolo religioso de virtudes mágicas (ver «Memórias» acima citadas, volume IX, pág. 314, 360, 372, 439, 445, 558 e 630).

Nem só a antiguidade clássica, nem os antigos doutores da Igreja, nem só a literatura erudita e profana celebravam o galo, também a nossa seguiu o mesmo encaixo. Eis como António de Monforte o dignifica:

*São o relógio do pobre
Os galos madrugadores,
Que ainda a noite nos cobre
Já eles andam de amores.*

*Receia-os tanto o Diabo
Como ao cruzeiro da Igreja
Não leva as obras a cabo
Logo que um galo o preveja.*

*Ave leal e sagrada
As sombras teem-lhe medo
Por sua causa a alvorada
Desperta sempre mais cedo.*

*Por isso os homens rendidos
À vigilância dos Galos
Nos campanários erguidos
Costumam sempre arvorá-los.*

Adeus, Saudações afectuosas e aos vossos com

Baçal, 12-12-1946

Saúde e Paz

*P.º Francisco Manuel Alves
Baçal
Bragança»*

Que lição tão magistral o Mestre nos dá! Que grande proveito tirámos dela! Só a ciência, a bondade, as paciências beneditina e franciscana do amigo no-la podia ministrar;

Bem hajás, Mestre e Amigo!

O bom Amigo e Mestre enviou-nos mais cartas, mas com a nossa saída de Penamacor para Montijo, perderam-se.

Uma tínhamos que, entre outras, nos contava a maneira como decorreu a consagração que o Governo, a Igreja, a sua Paróquia, o Distrito de Bragança lhe prestaram. Igualmente nos contava a sua chegada ao portão do edifício da Academia de Ciências, onde ele teve a sua cadeira de número, a sua ida a Belém a agradecer ao Marechal Carmona a condecoração com que o distinguira nos seus méritos científicos e outras coisas mais.

*
* * *

Neste ano de 1965 passa, em 9 de Abril, o centenário do seu nascimento.

Do que se for passando àcerca deste grande homem da ciência e zeloso pastor de almas, neste ano dos seus cem anos, será registado na imprensa e em outras publicações, em homenagem às suas virtudes científicas e morais para que os vindouros tenham nele um modelo vivo a imitar.

FINIS LAUS DEO!